



União Figueirense
ORGÃO
do
CENTRO DEMOCRÁTICO
D. AFFONSO COSTA

União Figueirense

EDITOR—Manoel Henriques
ASSINATURAS
Portugal e colonias, ano 1\$20; Estrangeiro 2\$00
Numero avulso, \$03. Anuncios, preço convencional
Comp. e imp. nas oficinas da «União Figueirense»

Sob a direcção das comissões políticas do
Partido Republicano Português
O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO
NO NORTE DO DISTRITO DE LEIRIA

DIRECTOR—José Miguel F. David
Propriedade da empresa União Figueirense

NO ARBITRIO!

Noticiaram todos os jornaes da grande circulação que o director e editor do jornal *Voz da Justiça*, da Figueira da Foz, foram presos, porque o mesmo jornal apresentou á *censura* um artigo que não chegou a ser publicado, visto a *censura* o ter eliminado.

E' fantastico!
Toda a imprensa se referiu ao facto, censurando asperamente o procedimento das autoridades que intervieram no caso.

Toda a imprensa, inclusivé a que apoia a actual situação, teve palavras de reprobção pelo facto consumado.

Já não basta uma lei de imprensa para regular ás já tristemente vexatorias condições em que aos jornalistas é permitida a expressão escrita do pensamento. Inventou-se uma *censura previa*, especie de alcaprema com que se quiz amordaçar a imprensa, em assuntos relativos ao estado de guerra. Esta *censura previa* era justificada pela força das circunstancias do momento que passa, dada a circumstancia de nem todos os que escrevem em *letra redonda* terem a noção dos seus deveres profissionais perante o actual estado de coisas em que a nação se encontra envolta.

E admitiu-se de boa vontade essa *peia* com que o governo entendeu dever *fiscalisar* o procedimento dos jornaes. Mas admitiu-se só em relação aos assuntos que se prendem com o estado de guerra. E, como se admitiu, entendeu o governo ir mais alem, *estendendo a rede da censura* até aos assuntos que em nada se relacionam com a guerra. Os *censores* passaram a eliminar a simples apreciação de factos publicos, d' sde que re presente para os detentores do poder uma apreciação grave, embora justa, dos seus actos!

Não se escreve hoje na imprensa, seja o que for, que desagrada ao poder!

E' uma situação deprimente, vexatoria, indigna de um paiz civilisado!

Os actos publicos não podem ser criticados livremente, porque os agentes do poder não o consentem.

Embora se não escreva em linguaem despejada, desde que se aprecie desfavoravelmente os actos do poder, esse poder não consente a critica da imprensa, por mais justa, mais sensata que ela seja!

Mas... o facto de que nos estamos ocupando é muito mais grave e revela que estamos vivendo em pleno arbitrio, que

este desgraçado paiz foi riscado do numero d'aqueles onde ainda ha um pouco de liberdade individual e profissional.

O nosso colega *Voz da Justiça* inseria um artigo nas suas colunas. O jornal foi apresentado á *censura*, em cumprimento da lei. A *censura* eliminou esse artigo pelos motivos que entendeu ou por virtude de instruções superiores. O jornal acatou o *corde* que lhe foi feito, não publicando o artigo e cumprindo assim a lei.

Pois que acontece, depois d'isto?—O director e editor do jornal em questão foram presos, por virtude de terem escrito o referido artigo que não chegou a ser publicado!

E' extraordinario!
Mas então para que serve a lei de imprensa que não permite tal arbitrariedade?

Se não querem que se escreva, digam-no claramente, proibam por um decreto esse direito que os cidadãos têm de reduzir a escrito o que pensam, que, de resto, já pouco mais é de proibir que se escreva do que não deixar publicar o que se escreve!

Façam isso, que, ao menos, ficamos sabendo que não temos sequer o direito de pensar...

Esta não lembrava ao diabo — um jornalista ser preso só por ter escrito um artigo, que não chegou a ser publicado!

E' o regime da *rôlha e do cáctel*. Peior, muito peior do que nos tempos de Torquemada!

Que desorientação, que desvairamento revelam os actos dos agentes do poder que julga possível manter-se por taes processos á frente dos destinos da nação.

As lições do passado dizem-nos que não é assim que se pode governar em Portugal!

O poder tem o direito de se defender e não lhe faltam armas de defesa, já por intermedio da sua imprensa, já com a lei na mão, que pode modificar a seu belprazer como melhor aprouver ás suas necessidades ou á sua propria vontade.

Assim, não; não se defende. Compromete-se perante o paiz e perante o estrangeiro que tem os olhos postos na nossa vida interna.

Não é assim, collocando-se fóra da lei, que o poder se hade impôr, aos seus adversarios e aos seus proprios amigos.

Assim, não, o poder só se desprestigia, em vez de criar em volta de si uma atmosfera benigna, atropelando as liberdades publicas, amordaçando os jornaes

e prendendo os jornalistas.

E tanto assim é que o poder viu que toda a imprensa, a dos amigos e a dos inimigos, se levantou unanime a verberar o procedimento havido contra o director da *Voz da Justiça*.

Bastaria este facto para que se avalie, com boa e sã consciencia, quanto é desprezada a liberdade do pensamento, e o paiz em que não ha liberdade de imprensa e em que os jornalistas são presos só por escreverem o que não chega a ser publicado, é um paiz que tem forçosamente de mudar de orientação, de tomar juizo, ou então é um paiz irremediavelmente perdido.

Não é preciso ser-se profeta, para se advinhar o futuro de uma administração que pratica actos como o que deixamos relatado — é uma administração condenada.

Condenada pelos seus proprios actos.

E' uma administração de pleno e livre arbitrio!

Ao nosso colega *Voz da Justiça* aqui registamos a nossa solidariedade contra a violencia de que acaba de ser vitima.

Ecos & Noticias

Mimoso Ruiz

Como em outro lugar referimos, foram presos o director e editor do nosso colega «Voz da Justiça», da Figueira da Foz, por virtude de um artigo que não chegou a ser publicado.

Procedeu a esse serviço o administrador do concelho, sr. Mimoso Ruiz, que já em tempo exerceu identico cargo neste concelho, no tempo da monarchia.

Não podemos deixar de condenar o seu procedimento que é irritante e vexatorio, merecendo por isso, um severo castigo.

Governador civil

Não julguem os leitores que nos referimos ao substituto do governador civil de Leiria. Isso sim! Ele era lá capaz de praticar um tal gesto!

Referimo-nos ao governador civil do Porto, que acaba de pedir a sua demissão, porque o governo não atendeu aos seus pedidos sobre subsistencias.

Este não *albardou*. Viu que não podia cumprir a sua missão e fez o que devia—demitiu-se.

Boa piada

O grande poeta Guerra Junqueiro foi o outro dia a Lisboa e falou ao presidente da republica nestes termos:

—«V., Sidonio, está numa ampla estrada onde possui uma casa regularmente montada—com bons moveis, boa mesa e boa cama—e convida para ela os viandantes. Oferece-lhes tudo isso da melhor vontade. Mas o predo está em ruina evidente, ameaçando desmoronar-se no primeiro momento. Como conta v. que haja alguém que acate instalar-se na casa que

v. lhe oferece?...

—E o sr. Sidonio Paes limitou-se a responder que contava com a sua *boa estrela*...

Qual d'elas, perguntamos nós, é que é a boa, visto que s. ex.ª está coberto por uma verdadeira constelação?!

Pavorosos

Na ultima segunda-feira, correram boatos de revolução em Lisboa e esteve a policia de prevenção, bem como a guarda republicana e a guarnição.

A meia noite, porem, a *bufaria* governamental começou a espalhar que a revolução já não vinha para a rua nessa noite e que fóra adiada para o proximo dia 31!...

Como eles sabem estas coisas tão rapidamente!...

E ainda dizem que não são eles que *armam as pavorosas* para fazerem prisões e justificarem a *gorgetal*...

A camara do Porto

«Disse o sr. Fraga saber que a camara luta com um deficit diario de 6 contos.

Explicou o sr. Nunes da Ponte que já *apuro* que o debito a fornecedores de assucar e farinha da comissão de subsistencias, se eleva a tres centenas de contos.

A Vereação democratica deixou, nos armazens do Matadouro Novo, *duzentos contos de existencias* e, em cofre, *27 contos de lucros* das subsistencias. Duas Comissões, em meio ano, venderam as existencias, gastaram os lucros e só em assucar e farinha contrairam um debito de 300 contos!

—O que ahi fica transcrito é do nosso presado colega «O Norte». Não lhe fazemos comentarios porque os dispensamos, os nossos leitores que lh'os façam.

Protegidos?

Os jornaes affectos ao governo declararam que os monarchicos são uma especie de *protegidos* nesta situação e logo os jornaes monarchicos vieram declarar por seu turno que eles, monarchicos, é que são os *protectores* da situação.

Então é bico ou cabeça?!

Quaes são, afinal, os protegidos, são os monarchicos ou os sidonistas? Eles lá que resolvam a contenda, mas a nós parece-nos que uns e outros não são protegidos, mas sim uns *simples tolerados*...

Bombas!

Dissiram por ahi, até já a *justiça substituta* foi fazer exame (?), que em Arega foram postas não sabemos quantas bombas de dinamite á porta de um conhecido mastim *araujaco*!

Está-se a ver a fita... Até aqui eram bombas no rio Zezeze, agora já se foram deitar á porta de um *sidonista*, para se dizer que foram os democraticos!...

Como eles já sabem *armar pavorosas*!...

Pois não mexam muito nisso, que se pode dar alguma explosão... a valer.

Uma viagem

Noticiaram ha tempo todos os jornaes da capital que o sr. presidente da republica ia ao norte fazer uma nova visita e publicaram até o itinerario estabelecido oficialmente. Já lá vão umas semanas e nada, o sr. presidente não sai de Lisboa.

Porque seria que o sr. Sidonio Paes, sem dar *cavaco á tropa*, deliberou não ir ao norte?!

Explica-se agora o misterio: O sr. Sidonio não tinha um motivo justificado para ir ao Porto, como da primeira vez. Foi preciso arranjar esse motivo. Agora sim, o sr. presidente vai novamente ao Aljube visitar os desgraçados presos politicos, outra vez *espancados*!...

O caso do Porto

E' unico o que se passou no Porto em materia de espancamentos aos presos politicos!

Não, não é unico o que agora se passou, porque o que acaba de praticar-se é a repetição do que há tempo já ali se praticára, nas mesmas condições — presos politicos barbaramente espancados pelos agentes policiaes ás ordens do governo!

Recordam-se certamente os leitores de ter ido ao Porto o sr. Presidente da Republica visitar os presos politicos para, segundo se disse, verificar *elê proprio*, com os seus proprios olhos, as atrocidades que a imprensa republicana afirmava terem sido praticadas pela policia contra os presos politicos.

Recordam-se tambem os leitores de ter o chefe do Estado efectivamente verificado que essas atrocidades haviam sido cometidas e por forma tão extraordinaria que s. ex.ª se disse *comovido*, amnistiando os presos e fazendo por essa ocasião *declarações sensacionais*.

Pois bem, sobre as primeiras barbaridades praticadas pelos esbirros do Porto contra os presos politicos fizeram-se inqueritos, tomaram-se providencias de varia ordem e tão rigorosas foram essas providencias, que acabam de repetir-se as mesmas vergonhosas cenas de espancamento, ainda com mais ferocidade, ainda com mais canibalesco rancor!

Em que paiz vivemos, senhores da governação publica deste desventurado paiz?!

Que é isto que começou por uma ridicula comédia de aventura e está a transformar-se em tragedia da mais triste, da mais vergonhosa desventura?

Enão praticam se actos que o proprio chefe do Estado condena e declara punir, e a pratica de taes actos repete-se ao cabo de pouco tempo, ainda mais injamemente, ainda mais canalmente?!

Isto pode lá ser?!

Isto pode lá continuar?!

Os prisioneiros politicos foram sempre, em todos os tempos e em todos os paizes, dignos de atenções especiaes por parte dos poderes constituídos, contra os quaes por ventura eles tenham conspirado.

E assim deve ser. Hoje por nós, amanhã por vós...

Que diria o sr. Sidonio Paes se com os seus companheiros da sedição de dezembro, fosse enclausurado antes de levar á pratica o seu acto revolucionario, e se, olem do carcere, fosse sujeito a cruéis torturas, como estão sendo sujeitos os republicanos do Porto?!

Por esse facto, se o deixas sem vivo, deixaria o sr. Sidonio Paes de conspirar pelo que ele julgasse ser o seu ideal?!

—Evidentemente que não!
Toda a gente sabe que os delittos de opiniao, por mais ferozmente reprimidos que sejam, hão de ter sempre uma repercussão, cada vez mais obstinada, enquanto não cessarem as causas que lhe derem origem.

Isto é fatal, isto é inevitavel, esteja no poder quem estiver!

Mal avisado anda, pois, todo aquele que conceber a ideia de apagar as paixões politicas com deportações, com prisões ou com espancamentos.

Ainda ninguem conseguiu governar em Portugal pela violencia. Os governos, como os regimes, impõem-se pelos principios que encarnam e defendem e não pela maneira que os defendem.

Os casos do Porto estão criando ao presidencialismo e aos seus adeptos uma atmosfera venenosa que os hade aniquilar politicamente, se, a continuar a sua repetição, não arrastarem o paiz para uma guerra civil, que precipitará a nossa nacionalidade na ultima das calamidades!

E' mister que se reconheça a gravidade de taes actos, mas que se reconheçam e punam com rigor os mariolões que são os seus autores.

O regime não se pode sustentar com o terror, com o crês ou morres dos tempos antigos. E cu o regime se ajasta da canalha que tão gravemente compromete, ou o regime que consente taes marioladas é um feudo de bandidos, contra o qual o paiz inteiro tem o direito de erguer-se, fazendo justiça por suas proprias mãos contra os supostos mandantes de tão miseraveis atentados.

E' forçoso que se esclareça de vez o caso do Porto e sejam punidos os criminosos que, dizendo-se agentes da autoridade e os mantenedores da ordem, são, afinal, os provocadores da desordem, da anarquia para que se está caminhando a passos de gigante.

Isto assim não pode, nem deve, nem hade continuar!

Ou se faz justiça a todos, dentro das leis, ou todos temos o direito de nos insurgirmos contra a tirania que nos esmaga á pranchada, a cavallo-marinho, a chicote!

Justiça contra as barbaridades do Porto! Justiça contra os cobardes bandidos que, em nome da autoridade em que nunca deviam ter sido investidos, atentam contra o principio da autoridade! Justiça, enquanto é tempo!

Escola Movel de Lagiosa Lohão

O professor desta escola, nosso amigo, sr. Delfim Coelho, de Pedrogam Grande, levou este ano a exame, 14 alunos, que habilitou para o 1.º grau ficando onze destes com a classificação de ottimo e tres de bom.

Tambem a menina Editta, filha deste nosso amigo é por ele habilitada, fez um exame brilhante, ficando oitavamente aprovada. A um professor que assim trabalha não podemos deixar de felicitar muito afetosamente bem como aos seus alunos.

DOENTES

Encontra-se gravemente doente, a sr.ª D. Josefina Perdigão, desta vila. A illustre enferma, desejamos rapido restabelecimento.

Antes da batalha

O manifesto do Partido Republicano Portuguez escrito numa linguagem correcta reportando-se a verdade, deve levar aos espiritos sensatos e reflexivos a convicção de que a Democracia Portugueza assiste inegavelmente o direito de intervir a valer, com decisão e energia—nos destinos da Patria!...

Contra o seu Direito são inuteis todas as tentativas de força e nesta hora solene em que a Liberdade triunfa da Autocracia, o seu Direito é Lei suprema.

Não podemos transigir com uma ordem de coisas incompatible com os interesses da Patria Portugueza.

O Povo Portuguez não abdica d'um Direito consagrado por duas Revoluções triunfantes:—a de 5 de Outubro afirmando a nossa Independencia e marcando-nos graduado lugar no concerto das nações europeas, e a de 14 de Maio que implicitamente condenou todas as ditaduras, proclamando a Liberdade como o nosso systema politico.

Contra a logica das coisas ninguem pode ir. A verdadeira soberania reside no Povo, só no Povo.

Desatender as intenções ou indicações populares é antepôr o poder pessoal ao poder da Nação.

E nunca a Liberdade foi vencida pela força!...

A illusão que se impõe ao espirito agitado dos dirigentes tem sido uma miragem acalentada pelo «laissez faire» da nossa psycologia fatalista.

Mas a illusão nem sempre prevalece sobre a fria realidade das coisas. Os aureos tempos do mystecismo politico encerraram-se com o sangrento caso da Revolução de 1848 atogado no sangue que espadanava nas ruas de Paris nos sombrios dias de Dezembro de 1851 e os seus derradeiros apóstolos Luis Blanc, Lamartine e Ledru-Rollin—os «tres tunaticos como lhe chamou Schounopperhausens—amortalharam-a romanticamente no branco sudario do seu lirismo de pombas sem fel da Democracia.

Hoje as soluções positivas e concretas são tudo em politica e fóra d'elas não ha continuidade possivel.

A Democracia Portugueza tem um programa definido de Liberdade e Progresso, que hade cumprir integralmente sejam quaes forem os obstaculos com que queiram entrar a sua senda triumphal para um futuro de uniao, de concordia e de grandeza nacional.

Pode a reacção forjar a vontade, na sombra o ferro liberticida, o punhal facioso das discordias civis!

De nada lhe servirá o seu gesto odiosissimo!

Do caos em que se debate a sociedade portugueza vae surgir a nossa redenção politica e social.

Já assim o anunciam os clarins que ao longe proclamam a vitoria dos aliados contra a Alemanha.

Do fragor do ralo que estáta sobre a Russia num cataclismo espantoso, do impetuoso choque das negras e caliginosas nuvens; por de sobre os cadaveres amontoados nas ruas e Avenidas de Petrogrado, de Moscow, de Odessa, de Pultava, de Nowgorod, das principaes cidades russas—enfim—vem já pairando a viração celestial duma nova sociedade baseada na Liberdade, no Direito, na Razão, na Justiça.

A revolução moscovita inundam toda a Terra de celeste claror precursor da aurora duma nova ordem de coisas que de o-rebro e da consciencia dos pensadores e dos sabios como Pedro Kropotkin, Tolstoi, Alexis Peckow—o grande Maxim o Gorki—cujo recen e p-samento é deplorado por todo o Mundo culto—passou já para a rua, da rua para o tumultuar duma nação inteira e desta grandiosa, sublime e simpatica nação—que é a Russia—hade trasbordar por toda a Terra, cujos dois pólos serão um dia iluminados pela mesma Liberdade e a mesma Justiça.

A Liberdade em Portugal jamais perecerá e o seu triunfo é tambem o triunfo da grande Confederação planetaria, de que a Republica Portugueza será um dos mais belos Estados.

19—Agosto.

Hazenda Junior

CORRESPONDENCIA

MOSTEIRO, 20.—O nosso amigo e correligionario, sr. Joaquim Leitão, quando no dia 14 do corrente seguiu no carro do correio de Figueira para sua casa, teve a infelicidade de no alto da Mó Grande, seguindo para a Ponte de Pera, se desentubrou uma das rodas, que obrigou este nosso amigo a atirar-se do carro abaixo, recebendo um ferimento enorme na cabeça.

Conduzido a Pedrogam Grande, recebeu os primeiros curativos na farmacia Castanheira, recolhendo depois a casa do nosso amigo, sr. Manoel Vicente Pedroso Neves, onde ainda se encontra.

O ferimento que como dissemos era grave, pois levou oito pontos naturaes, foi pensado pelo facultativo municipal, sr. dr. Francisco Henriques David.

O doente que nos primeiros dias apres-ntou bom espeto, pôrou ultimamente, sendo o seu estado grave.

O desastre deu-se talvez a impericia do condutor do carro que certamente não tinha revisitado este antes da partida.

Desejamos-lhe rapido restabelecimento.

Desastre fatal

No dia 23 do corrente, deu-se um lamentavel desastre que ocasionou a morte ao sr. José Carvalho, da Lavandeira, desta freguezia. O infeliz estava a banhos no rio Zezere, no sitio do Val do Rio, e lembrando-se de aprender a nadar, meteu-se na agua, brincando com uma travesa sa que se encontrava á tona d'agua, e quando tinha os pés em cima da referida travessa escorregou, sendo levado com o impulso ao fundo do poço. Afogando-se rapidamente. Algumas pessoas que ali se encontravam, viram por vezes o infeliz Carvalho vir ao cimo d'agua pedindo socorro, mas não lh'o prestaram por terem receio de jicarem lá juntos com ele.

A sua morte, causou verdadeira impressão em todas as pessoas que d'ela tiveram conhecimento e muito principalmente no seu logar onde o morto era muito estimado, pois alem de ser um bom artista de carpinteiro, era um excelente rapaz.

A sua familia apresentamos os nossos sentimentos.

ANIVERSARIOS

Na preterita sexta-feira, passou o aniversario natalicio do menino Almerindo, filho estremecido do nosso presado amigo, sr. José Miguel Fernandes David, honrado comerciante e director deste semanario.

A' simpatica creança e a seus estremosos paes, os nossos parabens.

Sesividade

Foi muito concorrida, a festa de N. Senhora do Livramento, que teve lugar no preterito dia 18, no Casal de Santo Antonio das Bairradas, desta freguezia, a que concorreu muito povo dos concelhos limitrofes.

Na noite da vespera queimou-se um vistoso fogo de artificios, vendo-se o arrabal repleto de pessoas, o qual terminou de madrugada, sem o menor incidente, devido sem duvida a presença da guarda republicana, que foi reforçada com 3 praças do posto do visinho concelho de Pedrogam Grande.

A festa decorreu sem incidente, reinando sempre grande animação.

Desta vila foi ali muita gente, em carro e automovel.

A festa foi «brilhantada» pela filharmonica desta vila.

DELIVRANCE

A esposa do nosso amigo e correligionario, sr. Jeronimo Rodrigues Pinkão, habil industrial, desta vila, teve a sua delivrance no dia 24 do corrente, dando á luz uma robusta creança do sexo feminino. Por tal motivo, felicitamos os seus progenitores, desejando á recém-nascida as maiores venturas.

Noticias pessoais

José Manoel Godinho

De Lisboa, onde se encontrava ha dias, regressou ontem o nosso presado amigo, sr. José Manoel Godinho, desta vila.

Carlos Liborio

Seguiu ontem para Coimbra, devendo regressar dmanhã a esta vila, o nosso amigo, sr. Carlos Liborio, estimado comerciante, na nossa praça.

Joaquim Ferreira

Afim de visitar seu cunhado e nosso amigo, sr. Antonio Luiz Agria, que como noticiámos se encontra em convalescença no hospital de Coimbra, seguiu para ali, na preterita segunda-feira, indo acompanhado da esposa d'aquela nosso amigo e de sua filha D. Izaura, o tambem nosso amigo, sr. Joaquim Ferreira, importante proprietario e comerciante nesta vila.

De visita a sua familia, encontra-se nas Bairradas, o nosso estimado amigo e assinante, sr. Manoel Joaquim Martins, que ha bastantes anos se encontrava na Beira (Africa), donde agora regressou. O nosso amigo, que teve a gentileza de nos vir cumprimentar, o que agradecemos, disse-nos que vae fixar residencia em Lisboa, para onde deve partir por estes dias.

Esteve ante-ontem nesta vila, o nosso amigo e correligionario, sr. Manoel Filipe Tomaz, do Troviscal.

Acompanhado de sua esposa e filhinha, encontra-se ha dias em Aldeia de Ana d'Aviz, o nosso amigo, sr. Herculano Herdade, importante comerciante, em Faro. Cumprimentamo-lo.

Com sua esposa, regressou da Figueira da Foz, o nosso amigo, sr. Bernardino Antunes d'Almeida, de Pedrogam Grande.

Tambem regressou de Coimbra, onde foi tratar dos seus negocios, o nosso amigo, sr. Manoel Vicente Pedroso Neves, d'aquella vila.

Acompanhado de seu pae e irmã, esteve nesta vila, o nosso amigo, sr. Manoel Simões Gomes, da Ribeira Velha.

Estiveram nesta vila os nossos amigos, srs. Possidonio Marques, de Almofala de Baixo e José Francisco da Costa, do Bolo.

Regressaram ontem das Caldas da Rainha, onde foram fazer uso destas aguas, os nossos amigos, srs. Manoel Alves, Manoel Simões Fidalgo e João Pedro Godinho, desta vila.

Com sua esposa, seguiu para a Figueira da Foz, o nosso amigo e assinante, sr. Manoel Mendes, de Atalaia Fundeira.

Vintens de cartão

Consta-nos que já estão feitas e no Banco de Portugal, as rodadas de cartão representativas da futura moeda de vintem (0\$02), conforme ha já muitos meses foi indicado no «Diario de Noticias».

DIVORCIOS

E

TODOS OS ASSUNTOS JURIDICOS

A. MINEIRO

Escritorio Calçada São Francisco, 93-2 Tel. fone 3646 (central)

Residencia R. Francisco Foreiro n.º 5, 1.º

Telefone 209 (norte) LISBOA